

Carta Compromisso dos Participantes do Seminário da Repam da Prelazia de Lábrea – Amazonas



Reunidos(as) em Lábrea, às margens do rio Purus, nós, Povos da Floresta, 110 participantes, do Seminário promovido pela Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), nos dias 27 a 29 de janeiro de 2017, apresentamos algumas de nossas forças, desafios, clamores, iniciativas e conquistas observados e vivenciados em nossa Amazônia *gorakarahó* (Casa Comum - na língua Paumari) refletidos à luz dos ensinamentos da Encíclica *Laudato Sí* do Papa Francisco.

Nosso modo de ser em nossa *aiko* (Casa Comum na língua Apurinã) herdado de nossos antepassados tem sido impactado negativamente desde a chegada dos colonizadores que nos impuseram outros valores baseados nas relações de poder e dominação. Desde então, os desafios são muitos. Insistimos e acreditamos numa vivência harmoniosa e de inter-relação entre todos os Povos da Floresta e das cidades sem destruir a nossa *gorakarahó*. Entretanto, percebemos que acirram-se os conflitos socioambientais que fomentam perseguições, ameaças e até morte de nossas lideranças locais, resultado da omissão estratégica do Estado, da pressão do agronegócio, da grilagem de terras e do roubo e pilhagem de madeiras, inclusive castanheira, colocando a nossa região como uma das campeãs do acelerado desmatamento da Amazônia.

Destacamos a diversidade de experiências de convivência entre as diversas culturas e etnias dos Povos da Floresta com os povos das cidades que nos fazem sentir seguros(as)

e protegidos(as) em nossa *gorakarahó* de onde retiramos o alimento para sustentar nossas famílias e garantir uma qualidade de vida que permite às nossas gerações viver longos anos. Mas, esta vivência encontra-se ameaçada. Em todos os cantos da floresta tem chegado gente *com sangue nas mãos* espalhando violência e expondo nossos jovens a condições de vulnerabilidade social tais como drogas, exploração sexual, trabalho análogo ao escravo e servidão doméstica. Gente que, em nome do “progresso” não reconhece nossos direitos à terra, nossas reservas, territórios, rios e florestas. Gente que vem de longe e saqueia nossos recursos deixando para trás um rastro de morte e destruição. Gente que não reconhece nossa história, identidade e cultura, não respeita nossas lideranças e nossa forma de organização social e política e quer nos “ensinar” seus valores e seu modo capitalista de sociedade. Gente que não acredita na sustentabilidade do extrativismo animal e vegetal baseado nas relações de respeito e interdependência em nossa casa comum garantindo vida em abundância à nossa geração e às gerações futuras.

No contexto nacional assusta-nos os recorrentes cortes de recursos que atingem instituições importantes como o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio e o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Bem como o ataque às nossas entidades representativas com a criação da Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI, com a finalidade de investigar, incriminar e enfraquecer a atuação do Conselho Indigenista Missionário – CIMI, da Fundação Nacional do Índio – FUNAI e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, pelo simples fato de posicionarem-se em defesa dos direitos dos Povos da Floresta. Isso apenas confirma que “o governo não quer dar nada para o índio, mas quer tudo do índio” (José Inácio Apurinã – liderança da Terra Indígena Caititu).

No contexto regional, preocupa-nos os processos de migrações forçadas para as cidades da Amazônia prevalecendo o direito de migrar sem a garantia do direito de permanecer na floresta somando com os processos de urbanização acelerada e não planejada das nossas cidades marcadas pela precariedade dos serviços públicos (saúde, educação, segurança pública, transporte, dentre outros), pela violência, superlotação dos presídios, desemprego, fome e miséria, fruto do descaso dos governos municipais.

No contexto local lutamos para garantir o direito à educação, saúde e acesso aos bens e serviços públicos historicamente negados aos povos dessa imensa região onde já se respira a fumaça das grandes queimadas e se inala o veneno dos agrotóxicos pulverizados indiscriminadamente sobre nossa *gorakarahó* contaminando nosso Purus e seus afluentes rio Ituxi, Curequeté, Seruini, Siriquiqui, Punicici, Sepatini e Pauini.

Preocupa-nos as condições desumanas a que são submetidos os Povos Indígenas e Ribeirinhos forçados a viver em condições precárias nas periferias desassistidas das cidades, submetidos até mesmo à convivência com lixão à céu aberto que contamina suas águas, peixes e roçados, espalhando doenças e desestruturando sua convivência. Um verdadeiro atentado contra suas vidas e uma violação aos direitos humanos.

Diante de tudo isso, clamamos e gritamos reafirmando “que o Purus é nosso! É casa comum de todos nós. Pródigo, nos brinda no dia a dia, as riquezas de suas entranhas com nome de tambaqui, pirarucu, filhote, tucunaré, mandi, sardinha, matrinxã e mil espécies mais, de rico sabor, base de nosso cotidiano sustento” (Dom Florentino Zabalza Itury).

Por fim, motivados(as) pelas provocações deste seminário e novamente iluminados(as) pelos ensinamentos da Laudato Sí, assumimos o compromisso de:

- 1) Tecer novas redes em nossas localidades com nossas comunidades e instituições, como nos propõe a REPAM através de comitês locais;
- 2) Lutar para garantir uma educação para sustentabilidade, diferenciada e de qualidade voltada para as demandas de nossa realidade indígena e ribeirinha, provocando as instituições de ensino para que ofereçam cursos que venham ao encontro de nossas demandas locais, formando gente nossa para atuar na educação de nossos povos;
- 3) Desenvolver projetos sociais de educação ambiental, buscando alternativas com possibilidade de gerar renda, tais como artesanato com utilização de produtos não madeireiros e reaproveitamento de madeira, dentre outros;
- 4) Promover espaços permanentes de formação e informação que nos ajudem a retomar, reafirmar e ampliar nossas práticas ambientais sustentáveis como modelo possível de sociedade baseada nos valores do bem-viver em nossa *gorakaraho*, nossa *aiko*;
- 5) Manter e ampliar o permanente diálogo entre indígenas e ribeirinhos garantindo uma aliança para a proteção de nossos territórios, cuidando de nossa Amazônia, como nossa floresta, nossa *gorakaraho*, nossa *aiko*;
- 6) Continuar alarmando os governos com relação ao roubo indiscriminado de nossos recursos naturais em nossas fronteiras;
- 7) Que a Carta Laudato Sí do Papa Francisco seja lida em nossas comunidades, retomada, aprofundada e amplamente divulgada e que seus ensinamentos sejam colocados em prática.

Por fim, invocamos a memória de nossos antepassados e reafirmamos que “cremos na fecundidade libertadora de tantos irmãos e irmãs que amassaram a terra com seu sangue mártir e nos acompanharam na procura da Terra Sem Males” (Dom Pedro Casaldáliga), como o testemunho de Irmã Cleuza, mártir da causa indígena em Lábrea. Chamamos todas as igrejas, instituições, organizações, comunidades e movimentos sociais para tecermos juntos uma grande teia, retirando de nosso painel as experiências, proposta e apoios que nos permitem seguir na luta por nossa Pachamama, para garantir vida plena e com dignidade em nossa floresta, nosso *tapiri* comum (casa dos ribeirinhos).



Comitê Ampliado da Repam na Prelazia de Lábrea (AM)